

Convidaram-me há tempos para participar num debate sobre a leitura de livros chatos, e logo me vi confrontado com uma questão que não se me impunha quando ouvia alguém classificar como chato um determinado texto ou o seu autor: afinal, que vem a ser um livro chato? Todos sabemos o que significa chato como substantivo ou como adjectivo, quer implique uma pessoa, um insecto ou uma coisa, e se não sabemos ao certo em que momento a palavra «chato» começou a designar o que é maçador, enfadonho, inoportuno ou importuno, designação que aparece tarde, quando aparece, nos nossos dicionários, é fácil perceber como se chegou a eia tendo em conta o que faz ao corpo humano o bichinho que se chama *Phthirus pubis* (e que Albino Lapa achava que se pegava ao homem «quando tem relações íntimas com uma mulher pouco asseada»), e tendo em conta o étimo grego ou latino: da noção de «largo, estendido» ou de «plano, rasteiro» passou-se, sem violência semântica ou simbólica, para a noção de «distituído de elevação» moral ou intelectual e para a de «deselegante», «inconveniente» e «incómodo».

E também todos sabemos o que é um livro; pela matéria ou pelo material de que é feito, pela forma ou pelo formato, pelo conteúdo, pela estética, pela função, distinguimos perfeitamente um livro brochado, um livro de ficção, um livro didáctico, um livro de bolso, um incunábulo, ou mesmo um videolivro, um livro branco e um livro de ponto.

Mas só vagamente, subjectivamente, poderemos falar num livro chato. Aliás, para esta espécie de livro faltam estudos que abundam a respeito de outras espécies. E não conheço qualquer teoria geral dos livros chatos. O que conheço, e em português (do Brasil), é o *Tratado Geral dos Chatos*, elaborado por Guilherme Figueiredo. Só que não há nesse higiénico tratado nenhum capítulo dedicado aos livros

chatos, que, ao contrário do que as almas mais sensíveis poderiam esperar, também não são contemplados no capítulo final intitulado «Como livrar-se do chato».

Um parágrafo anterior, a respeito «das coisas chatas», garantia que «podem ser chatos» os seres vivos, como cães e papagaios, as coisas como rádios e automóveis, e os acontecimentos, como enterros, faltas de água e, surpreendentemente, livros - que uma nota de rodapé logo aconselhava a usar «de cabeceira», «contra insónia»: «Alguns não precisam nem de ser abertos: coloque-os a seu lado e inale.». Já o prefácio («prefácio é chato»...) garantia, desde a primeira frase, que «um bom livro tem como primeira obrigação não ser chato».

Vemos assim que Guilherme Figueiredo concebe a existência de livros chatos, que opõe aos bons livros, mas que não caracteriza mais do que nessa vaga oposição. Ora quando se concebe a existência de livros chatos impõe-se a reflexão sobre as razões porque o são. A minha convivência com estudantes e escritores, que são quem mais fala em livros chatos, ou quem mais se chateia com livros, permite-me, talvez, a ousadia de apontar algumas dessas razões. Livro chato seria: 1) o livro mal escrito; 2) o livro longo; 3) o livro arrevesado, cerebral, conceptual, 4) o livro sem ideias; 5) o livro sem emoções; 6) o livro pedante; 7) o livro provocador. Fiquemo-nos por estas espécies, tantas quantas os pecados capitais.

Facilmente se notará a insuficiência ou inconsistência deste inventário ou desta tipologia. Por exemplo: o que é mal escrito ou provocante para uns é o que faz as delícias dos outros. E vendo bem, quantos livros ficariam de fora? Chatos, de resto, são sempre os livros dos outros.

O melhor é concluir que nenhum livro é chato; no pior dos casos, pode ser um bom pretexto para reflectir sobre a pequenez e a chateza ou baixeza do espírito humano. Sim,

não há livros chatos; o que há são leitores chatos - ou
chateados.

Arnaldo Saraiva